

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: 12

Data: 26/06/89 Pg.: _____

Ritual do Toré agora tem ritmo de protesto

PESQUEIRA - Espetáculo de singular beleza, a **Dança do Toré**, ritual mantido ininterruptamente há aproximadamente 400 anos pelas comunidades indígenas da Vila de Cimbres, neste município, não tem mais apenas o caráter religioso, de reverenciar e render graças à padroeira local, Nossa Senhora das Montanhas. A tradição continua cada vez mais forte e marcante. No entanto, a usurpação dos direitos dos índios Xucurus, levou-os a transformar o ritual em um ato de protesto. Embora tenham sido os fundadores da vila de Cimbres, os indígenas foram escoraçados do local e hoje vivem em pequenas áreas demarcadas pela Funai, cercadas de grandes latifúndios.

Renato Ferraz
Enviado especial

O ritual-protesto começa às 14 horas na véspera do Dia de São João, com a chamada "procissão da lenha" e só acaba na madrugada do dia posterior, encantando as centenas de pessoas que se dirigem ao local para acompanhá-lo. A cada um desses espectadores, os índios fazem questão de explicar tudo sobre a **Dança do Toré**. "Hoje, a gente também cobra nossos direitos, exige das autoridades e reza a Nossa Senhora das Montanhas, cobrando de volta nossas terras", diz o jovem Francisco de Assis Araújo, o cacique Chicão. **ESPETÁCULO**

Portando uma tora de lenha, os cerca de quinhentos índios participantes do espetáculo saem em procissão, circundam a igreja da vila, e jogam a madeira no pátio frontal, onde, segundo alegam, seus antepassados acharam a imagem da santa padroeira, sob um "toco" de Cabraíba. "Nesse local, os índios construíram um altar e colocaram a santa. Daí nasceu a vila de Cimbres", explica o cacique Chicão.

Depois de uma pausa para improvisadas refeições, geralmente à base de pão e refrigerante cedidos pelos comerciantes, e para confecção da fogueira, voltam ao pátio para o esperado espetáculo, também conhecido como "Makrikon". Ornamentados, usando cocares de penas de aves e flores, e com vestes feitas com palha de es-

piga de milho e de coco, os Xucurus atravessam toda a pequena vila em fila indiana. Em torno da fogueira, já acesa, começa efetivamente o ritual.

Aliando o ritmo da dança à bela imagem dos adornos, os índios param, literalmente, a pequena vila. A coreografia da dança, em si, parece demasiadamente simples: apenas circulam ou fazem "cobrinhas", em ziguezague, batendo no chão um instrumento de madeira batizado por eles de "Jubaco". A cada curva, gritam e, no final de cada volta, rendem "vivas" ao Pai Tupã (Deus), a Mãe Tamain (Nossa Senhora das Montanhas) e a eles próprios, com destaque para o cacique e o pajé.

Todo o ritual tem o acompanhamento de uma banda de pifanos, formada pelos próprios Xucurus. A animação é mantida à base de urinka, bebida também de origem indígena, feita com raízes e milho. Alguns não resistem e lotam as pequenas "bodegas" da vila à procura de bebidas mais fortes, como aguardente. Para participar da **Dança do Toré**, exige-se apenas um requisito: ser indígena. Por isso, mulheres, crianças (algumas quase engatinhando), e homens das 26 aldeias aguardam com tanta ansiedade a chegada do dia de São João.



Fotos Júlio Jacobina

Os índios se organizam no seu ritual agora com o propósito de protestar também pelas terras que vêm perdendo, sem condições de defesa.

Das terras, restou só uma roça



A odisséia da tribo na fisionomia do índio



O cacique Chicão: nada de conformismo

Os cerca de 3 mil índios Xucuru não fogem ao destino imposto a toda a comunidade indígena brasileira. Outrora donos de vastas terras onde hoje é a vila de Cimbres, eles cultivam suas roças nas pequenas áreas que restaram da exploração e da formação dos latifúndios, segundo denúncia-desabafo do cacique Xucuru, Francisco de Assis Araújo, o "Chicão". Durante a **Dança do Toré**, qualquer referência ao seu histórico e ao seu objetivo trazia implícita uma parcela de mágoa.

"Aqui, onde é a igreja, foi instalada a primeira taba pelos nossos antepassados. Ela foi feita pelos índios que trouxeram o bravo (tora de madeira, provavelmente de pau-ferro), para que se construísse o local de adoração à Nossa Senhora das Montanhas", lembra Chicão. Segundo ele, aos poucos, os brancos foram chegando, criou-se a Câmara Regente de Cimbres (espécie de câmara de vereadores), foram chegando os fazendeiros. Assim, nossos pais tiveram que sair daqui", lembra.

Ao todo, ainda existem 25 aldeias, embora apenas 19 sejam reconhecidas pela Fundação Nacional do Índio-Funai. "O reconhecimento de algumas só aconteceu há pouco tempo e depois de muita luta, como o caso dos índios Maraba que, pela primeira vez, participaram do **Toré** devidamente legalizados, embora isso não seja obrigatório", lembra Antônio Serafim dos Santos, de 66 anos, um dos mais velhos da aldeia Pé-de-Serra.

Segundo ele, referendado por Chicão, o reconhecimento da Funai, apesar de tudo, é importante. "Não garante a volta do que era da gente, mas garante o que temos agora, pelo menos", alega. De acordo com Chicão, grande parte das terras está nas mãos de famílias tradicionais de Pesqueira, como Petribu de Carli e Carneiro Leão.

Na realidade, eles se sentem estranhos na terra que outrora foi sua. Guardam mágoa até do bispo, dom Manoel Palmeira da Rocha, que, denunciaram, sequer cedeu a bandeira de São João e o Centro Social São Miguel, para que eles pudessem se hospedar durante a festa. Isso, porém, não atrapalhou o espetáculo. Quanto à falta de terras para plantar, eles, resignados, continuam apelando à "Mãe Tamain" e ao "Pai Tupã".



Os índios empenham-se na coreografia do seu ritual. Neste ponto, mantêm a tradição